

OS VINHEDOS DE BELASTE

AUGUSTO LA FERRE



ARS VERBI

OS VINHEDOS DE BELASTE

AUGUSTO LA FERE

OS VINHEDOS DE BELASTE

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

CRÉDITOS

Os Vinhedos de Belaste

© 2011 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*TM

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988749-0-2

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença aplica-se ao compartilhamento pela comunidade leitora. O autor mantém os direitos para a exploração comercial desta edição.

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor;
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

DEDICATÓRIA

A quem plantou comigo sem saber o que nasceria.

Aos que, mesmo de longe, ouviram o farfalhar das folhas e souberam que era hora de colher.

Aos silêncios que suportaram o peso das palavras até que elas estivessem maduras.

E àqueles que beberam o primeiro gole sem perguntar de onde vinha o vinho.

“Men fear thought as they fear nothing else on earth — more than ruin — more even than death.... Thought is subversive and revolutionary, destructive and terrible, thought is merciless to privilege, established institutions, and comfortable habit. Thought looks into the pit of hell and is not afraid. Thought is great and swift and free, the light of the world, and the chief glory of man.”

— Bertrand Russell

“Os homens temem o pensamento como nada mais na terra — mais do que a ruína — mais até que a morte... O pensamento é subversivo e revolucionário, destrutivo e terrível, impiedoso com o privilégio, as instituições estabelecidas e o hábito confortável. O pensamento olha para o abismo do inferno e não se assusta. O pensamento é grande, veloz e livre, a luz do mundo e a glória suprema do homem.”

— Bertrand Russell

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
VINDIMA I — TAÇA, SANGUE E SILÊNCIO.....	3
Primeiro Gole.....	4
Embriaguez.....	5
Oratório.....	6
Baco Velado.....	7
Afirmação.....	8
Ética.....	9
Entre Videiras.....	10
Os Vinhedos de Belaste.....	11
VINDIMA II — GEOGRAFIAS DA AUSÊNCIA.....	12
Verdades.....	13
Angústias.....	14
Relevo.....	15
Imputações.....	16
Ausência (I).....	17
Ausência (II).....	18
Olhar.....	19
Senhora.....	20
Nós Dois.....	21
Tristeza.....	22
VINDIMA III — MÁSCARAS E ARQUÉTIPOS AO LUAR.....	23
O Louco.....	24
Erótica.....	25
Sarjeta.....	26
Rita Apoená.....	27
Boêmio.....	28
Espelho Partido.....	29
Alfa.....	30
Ômega.....	31
Rosa.....	32
VINDIMA IV — TRÊS COROAS DO INFINITO.....	33
Império das Aparências.....	34
Anima Mundi.....	35
Interferência.....	36
Fé.....	37
Desejos.....	38
Onisciência (I–V).....	39

Onipresença (I–IV).....	41
Onipotência.....	43
Abominação.....	44
VINDIMA V — ANATOMIA DA DOR E DO CANSAÇO.....	45
Dor Maior.....	46
Desalento.....	47
Intervalo.....	48
Interpretação.....	49
Aprendizagem.....	50
Sorriso.....	51
Ângelus.....	52
Corcéis.....	53
Limiar.....	54
Percepção.....	55
VINDIMA VI — PEDRAS, ASTROS E LABIRINTOS.....	56
Plantio.....	57
Cantiga.....	58
Ideal.....	59
Pé Ante Pé.....	60
Pintura.....	61
Constelação Íntima.....	62
Recorte.....	63
Réquiem.....	64
Alegoria.....	65
Fausto.....	66
POSFÁCIO.....	67
NOTA DO VITICULTOR.....	70

PREFÁCIO

por Julio Ezequiel Benítez¹

Conheci *Os Vinhedos de Belaste* numa noite de inverno, em Córdoba, quando a chuva parecia bater no vidro com dedos de uva. Um amigo brasileiro me entregou o livro como quem passa uma garrafa rara: “Beba devagar, mas não espere que o vinho fique doce”. Desde então, entendi que este não é um livro para ser lido na pressa. É um vinhedo de sombra, onde cada poema é uma parreira que cresce de lado, buscando um sol que talvez nunca venha. Não há colheita garantida: há, sim, o risco de encontrar na boca um gosto de ausência, um travo de silêncio.

Augusto La Fere escreve como quem pisa as uvas descalço — o vinho que escorre é também sangue, e o leitor, se não tiver cuidado, manchará as mãos. O que mais me impressiona é que não há pose, não há vinificação industrial: aqui, o fermento é o próprio tempo, e a garrafa nunca está totalmente fechada.

Ler este livro é aceitar que algumas safras só se entendem quando já passaram anos. E que o vinho mais verdadeiro é aquele que, depois de bebido, ainda queime no pensamento. A paisagem de *Belaste* não é feita de vinhedos perfeitos, mas de parreirais

1 Julio Ezequiel Benítez (Rosário, Argentina, 1980) é poeta e tradutor. Autor de *Vino y Lluvia* (2010) e *Cartas a un Puerto sin Nombre* (2018), sua obra transita entre a memória, o silêncio e a geografia afetiva do Rio da Prata. Vive entre Córdoba e Buenos Aires, dedicando-se também à tradução de poesia brasileira contemporânea para o espanhol.

irregulares, talhados pela geada e pelo vento. Cada poema é uma videira que sobreviveu a tempestades, que resistiu ao corte da poda e ao peso dos invernos. O fruto, quando chega, carrega em si essa resistência.

Não espere aqui a doçura dos vinhos jovens. O sabor que persiste é o de um tinto envelhecido no silêncio, com taninos que lembram pedra e ferrugem. A leitura exige paciência — e um certo abandono das expectativas. Há, também, uma embriaguez discreta, que não vem do excesso, mas da intensidade. Uma taça basta para fazer oscilar o chão; um poema basta para mudar a temperatura da sala. *Belaste* é menos banquete que refeição solitária, menos brinde que murmúrio à meia-luz.

Este livro não seduz pelo conforto, mas pelo risco. Cada verso é um gole que pode tanto aquecer quanto cortar. O leitor que aceitar o convite encontrará um território onde o prazer e a ferida se confundem, e onde a colheita é sempre incerta. E, quando o volume se fecha, permanece o eco de um vinho que talvez nunca tenha existido fora da página — mas que, uma vez provado, acompanha o leitor como um aroma persistente, difícil de esquecer.

APRESENTAÇÃO

Entre videiras imaginárias, ergue-se este livro como um vinhedo ao entardecer: cada verso é um cacho de uvas exposto à luz oblíqua, meio sombra, meio ouro. Não há caminho reto entre as parreiras — exige-se do leitor que desvie, recue, espie entre as folhas.

Aqui, o vinho não é apenas bebida: é lembrança, ausência, rosto, estrela. E como todo vinho, guarda o sabor do tempo, o peso do solo e o vento que por ele passou.

Para atravessar estas parreiras, a obra organiza-se em seis Vindimas (colheitas), cada uma abrindo uma trilha temática. Não se exige leitura em sequência: experimentam-se entradas laterais (pela *Vindima I* ou *II*) e retornos (*III* e *IV*), permitindo-se à leitura respirar nos intervalos. O próprio texto oferece pausas; aceitam-se.

Para orientar o percurso, eis os temas centrais de cada Vindima:

— **Vindima I:** Vinho, sangue, verbo — imagem-matriz: aquilo que fermenta também fere.

— **Vindima II:** Ausência — mapas que não chegam; a casa apagada.

— **Vindima III:** Máscaras — perfis ao luar, nomes feridos.

— **Vindima IV:** Três coroas — conhecer/estar/poder como vento (instável).

— **Vindima V:** Dor e cansaço — peso do corpo; alterna-se queda e alívio.

— **Vindima VI:** Pedras e labirintos — caminhos que não fecham.

VINDIMA I — TAÇA, SANGUE E SILÊNCIO

Entre a taça e o abismo,
o vinho verte como verbo:
denso, febril, sagrado.

Há um rumor que não se ouve,
um brinde feito às cegas,
onde cada gole é também
um passo no escuro.

O sangue se mistura à seiva,
a seiva à tinta,
a tinta ao silêncio —
e, no silêncio,
o mundo inteiro se embriaga.

Primeiro Gole

o vinho não é doce,
arde como promessa,
escorre sem pedir licença
pela garganta do instante.

cada gole é travessia:
um rio escuro no corpo,
fermento que abre a boca
como quem inaugura o mundo.

e no fundo da taça
a noite inteira se inclina —
o que começa aqui
não termina.

Embriaguez

o todo é ébrio,
o espaço, eu — logo,
passo a passo,
o todo em mim se faz surdina;
pois, se eu soltar,
meu grito anuncia o deslize,
acalma a ausência na noite fria.
o todo em mim se faz surdina:
a busca do amor com sua mentira.
e, nesse calar-se,
sou todo mundo,
silêncio mudo na palavra;
sou todo mim,
eu eterno,
próximo limiar de quem crê,
sendo quente o inverno.
sou todo mim,
desvendado na forma do pensamento.
que o infinito me esclareça,
mesmo que pese o certo;
riso lesto,
dedos-hastes,
desversos;
que o infinito me esclareça
ou me torne desperto
na intensidade extrema
do certo ou do verso.

Oratório

vinum est vinum.

bem como pão é pão.
não sei dizer desse fogo
que consome aos poucos o papel
onde escrevi teu nome.

vinum est vinum,

bem como luz é luz.

vinum est sapientia:

lumen in terra,

oculos ad sidera.

como acompanhar
olhos de brilho verde, ora castanho,
dia perdido tão cedo.

Baco Velado

não se vê o deus,
apenas o rumor da parreira
quando a lua toca a folha.

um cacho balança sozinho,
como riso embriagado no vento.
baco existe no rumor,
na sombra que não se mostra,
no vinho que fermenta em segredo.

o altar é de silêncio;
a oferenda, um gesto.
a máscara nunca cai —
mas embriaga.

Afirmação

a contrario sensu:

vinum est pax,

lumen in hominis,

ab animo possidendi —

a vontade de possuir,

além de todas as fronteiras,

faz-nos ruir,

além de mil barreiras.

in nomine hominis,

ex abrupto,

in nomine Dei,

scriptum.

assustar-se com mãos:

de onde vens,

com o sincero amor

que não tens.

Etílica

a saudade
é um rio vazio
que logo passa
quando é regada
com vinho
e cachaça.

Entre Videiras

caminho por corredores de folhas,
cada passo um estalo,
cada sombra um rumor de uva.

o sol penetra oblíquo,
fazendo cintilar as lágrimas
que dormem na casca.

entre videiras,
descubro que não é preciso colher:
basta ouvir o rumor do vento
que amadurece sozinho
o que nunca se toca.

Os Vinhedos de Belaste

liberto cosmogonias,
semeando-as no vento
para solos de agonia
donde nascem os inventos.

Belaste é esta arte
nascida da fração do disparo
que ceifa as estrelas;

vinho de fingimento,
vinho deste labor,
tinta de um aparte de Deus
que, em toda parte,
semeia o amor —
que, de tanto semeado,
se perdeu.

VINDIMA II — GEOGRAFIAS DA AUSÊNCIA

Há mapas que não levam a lugar algum.
Estradas desenhadas no pó
se desfazem antes do passo.

A ausência tem o peso
do que nunca se diz
e a forma de uma casa
onde ninguém acende a luz.

O corpo é o território esquecido,
a fronteira apagada pelo vento.
Quem entra, não chega;
quem parte, não volta.

Verdades

se finjo,
tento ser completo
no ato em que me aleijo.

se corro para os pés,
como serpente,
não coro o coração
dessa vertente.

Angústias

as roupas perderam seu ser
num mundo desnudo;
tudo perdeu a cor,
sem dor nem ruído.

para o mundo, a estrela apagou —
consigo, o sentido.
flechas ficaram no ar,
sem feridos;

o movimento,
ponteiro pendente de tempos,
para indolente.

falseaste
e tudo mataste
com teu sofrimento.

Relevo

tudo fugiu
quando abandonaste a tristeza
e partiu

Imputações

sei que condena
na minha palavra
em cada dia
nas alvoradas

sei desse céu
fronteira
tudo tomei
por minha eira

ali padeces
pássaro de cera
a alimentar
horizontes

Ausência (I)

na ausência,
amar como
se longa distância
é abandono.

na ausência,
armar como
se longo é o brado
do eterno sono.

como se achar
na ausência constante
dos próprios sonhos.

Ausência (II)

a ausência
não tem nome:
é todo espaço
que consome.

Olhar

mera impressão
antes de outro olhar;
raio é a inspiração,
inspira em todo lugar.

Senhora

senhora
são os desejos
sempre a me vencer,

semeando outros silêncios
que não queria ter.

Nós Dois

mais nada,
somente teus olhos
longe dos meus —
primeiro momento
de tantos outros trigais.

e de nada
restou a fuga para meus braços.
o tempo esculpiu as maçãs,
logo as laranjas.

a cama acolhe o conforto
da partilha
que sempre será
nossa trilha.

Tristeza

a tristeza
é branca impura,
turva como o vinho,
negra como a alma.

jorra aos prantos
nas palavras vagas
que, de tanto nascerem,
não dizem nada.

VINDIMA III — MÁSCARAS E ARQUÉTIPOS AO LUAR

Rostos brotam da sombra
como uvas noturnas,
mas o sabor que trazem
não se colhe com a boca.

Há nomes que são máscaras,
máscaras que são feridas.
E o luar, cúmplice,
coroa cada perfil
com uma luz que não aquece.

O Louco

salto no escuro:
completo, compacto,
passo a passo.

salto e de velo mar,
o horizonte;
rotas sem fim de desespero,
antes de pôr fim à luz.

noutros conselhos,
salto no escuro:
o destino é despenhadeiro.

Erótica

a luz semeou outra espera
na mulher,
no ventre,
a estrela.

Sarjeta

por um triz
a palavra da rua
é meretriz

Rita Apoená

não seremos só:
os astros
são nossos nós.

Boêmio

o boêmio
é um louco varrido:
sorve o mundo das coisas
com o coração partido.

Espelho Partido

o rosto que vejo
não é inteiro:
metade é sombra,
metade é desejo.

o vidro não mente,
mas fragmenta:
cada caco guarda
um nome esquecido.

e ao juntar pedaços
nenhum retrato surge —
apenas o luar rachado
no fundo dos olhos.

Alfa

vi no teu riso a penumbra
e os silêncios;
não vi flores nem demônios
de desassossego.

vi as serpentes que se consomem
e anjos de desespero;
vi a morte e o desejo
consumidos no início do teu beijo.

e não havia mais nada:
era um mundo maior
dentro do medo.

Ômega

perto, aproximo nossas faces;
frases certas,
que no momento esqueço,
deixo-as todas mágicas
como o silêncio
das estrelas fixas no firmamento.

Rosa

os quereres sem limites
vão além destes versos,
desta mesa,
deste dizer.

destino é nosso abraço
por escrever.

VINDIMA IV — TRÊS COROAS DO INFINITO

No alto da colina,
três coroas brilham:
uma conhece,
outra está,
outra pode.

Mas, ao tocá-las,
descobre-se que cada uma
é feita de vento,
e que só o vento
pode sustentá-las.

Império das Aparências

se apareço, sou medido;
se me esqueço, aquecido.

que sítio é esse
em que, debalde,
o leão vive só de coração?

se apareço, sou leão
num mundo de Hércules;
se me esqueço, sou terra
sem erros, sem adubos,
com muito preço.

Anima Mundi

a vida é uma pedra
plantada no mundo;
transforma-se em espera
de um amor mudo.

a vida é uma pena
plantada do nada;
transforma-se em marca
de uma letra arcada.

a vida é uma alma
penada.

Interferência

orar com tanto barulho —
não encontro a perfeição
nas calhas desse mundo
que se chama coração.

Fé

professo fés sem fim:
semeador de ventos do coração,
um invento lavrado no tempo.

é a fera — espera —
da tua voz no silêncio.

Desejos

desejamos tanto
que não temos quê;
somos prisioneiros
de auras
que sempre vêm
sem querer.

Onisciência (I–V)

i

calo nas vestes e nos galhos,
calo em arbustos,
expectativas, instantes, buscas;
noutro lado, calo —
e o silêncio é mundo.

ii

estou vestido como tu nunca estiveste;
estou despido,
não sou nu, sou eterno.

iii

não me entendo como Deus:
apenas pergunta,
sem resposta,
nas infâncias —
astros;
nas infâncias —
rastros.

essa ordem de cruzar os braços
diante dos desejos te oprime;
não tenho espelhos, não tenho —
tenho astros, luzes,
e me contenho.

iv

sou estranho a um canto;
ali não existo.
a palavra que me segue é entretanto.

quando cresço,
um sítio é roubado e lavrado
de sentidos.

v

chuva nacarada de ontem e orvalhos,
vem para mim,
não esperes nada.

vem sem pés,
despido do corpo;
vem sem anéis
para outro porto.

Onipresença (I–IV)

i

não tenho palavras,
tenho rastros
nos quais engasto o meu sussurrar.

as trilhas que faço
são como teus passos:
quando já dados,
não podes voltar.

ii

não sintas sentidos
em vozes de ventos;
vazios tempos são temporais,
são astros de inventos
que as lavras de invernos
sussurram silentes
nos meus peitorais.

iii

sigo a perfeita ordem do teu corpo
e a dimensão dos teus pés;
estou onde estás:
a areia a levar em voltas eternas
nos cabelos do mar.

iv

não estás louco a procurar no coração
soluções que não irás encontrar;
o coração é o fundo do mar
que não escavo,
que apenas embalo
para não acordar.

Onipotência

essa ideia
que me era louca,
de tanto,
ficou pouca.

Abominação

e de vão vem se escurecendo à luz,
e de irmão vem se tornando a cruz;
e de abraço, um fato simples percebido,
fato surgir sem nada, sem alarido.

e de cada fresta, e de cada chão,
e de nada em cada ato vão,
surge a verdade velada pelo ser —
velada até que nunca, até de haver.

de cada passo, de cada abraço,
de cada dizer e de amanhecer,
vem e vai levando à passo;

vem e vai, maldita verdade,
vem e vem, poço à vaidade,
vem e vai, e se faz conhecer.

VINDIMA V — ANATOMIA DA DOR E DO CANSAÇO

Há dores que não sangram:
apenas ocupam o espaço
entre o corpo e o fôlego.

E há cansaços que não vêm do dia,
mas de um tempo mais fundo,
onde as horas não passam
— apenas se acumulam.

Aqui, cada gesto é pesado;
cada palavra, um último esforço.

Dor Maior

e quando o braço suspenso pende,
qual lâmina que refaz sua crença,
o nada, assim, faz-se presença;
e, mudo, o mundo, num repente,
completa-se a sina com este ato:

amor gasto, o fel, o retrato.
só resta momento em desespero,
somente o vinho por companheiro;

e mesmo a brisa que vai ao longe
não desfaz o pranto derradeiro
que cai grave no ocaso que tange.

mas a noite, em abraço, anuncia
que sentir a dor — a mesma agonia —
explica o orvalho na manhã fria.

Desalento

quando sobre o espectro tomba o vão da noite
e de soslaio a penumbra observa a esmo,
cresce pungente o desespero qual açoite,
pesando no côvado anguloso dum pensamento;

um vento que corta tal fio de navalha,
e rodopia e dá voltas e voltas e se extingue.
vida de homem que, saída do nada,
cala-se e deságua em grito, em vício;

que se deixa, se perde e se morre,
cansada da massa aflita que nele habita;
e alma podre na carcaça marmórea,

pobre e velho esquecido e só,
retrato coberto, revestido de pó —
só letra no silêncio: desalento.

Intervalo

entre uma dor e outra
há um vazio breve:
silêncio que respira
como se fosse descanso.

o corpo esquece o peso,
a mente solta as rédeas,
e por um instante
a noite parece leve.

Interpretação

quisera não estar para olhar
a franqueza louca com que te desdizes.
jogas o cabelo para trás
sobre a nudez das tuas roupas;
com tuas vestes, sorris e finges
para todos que és feliz.

mas a ausência muda nos teus olhos
te contradiz assim que o diz:
— Você é quem sabe, você é quem quis
essa noite por última em mim.

e eu, que bebo, tento esquecer
que te decifro tanto;
sempre por um triz descubro, nesse drama,
o papel de toda mulher:
ser atriz na cama.

Aprendizagem

essa viagem
que tive medo de enfrentar
ensinou-me a andar.

Sorriso

o mundo
seria este:
frio, sem sentidos,
se de teus lábios
o sorriso
tivesse partido.

Ângelus

as asas do anjo
farfalham todas as fantasias
quando finda o dia.

Corcéis

corcéis humanos
carregam o inumano.
jaz, à luz sepulcral,
a razão.

do mistério,
vida e morte.

Limiar

há um ponto
em que o cansaço se abre
como janela no fim do corredor.

ali não há vitória,
apenas um sopro
que sustenta o passo.

quem atravessa o limiar
não carrega mais nada —
apenas a leveza
do que ficou para trás.

Percepção

o amor
transcende palavras:
é todo eternidade.

VINDIMA VI — PEDRAS, ASTROS E
LABIRINTOS

Sob a planta dos pés,
o chão é pedra;
sobre a cabeça,
o céu é pedra também.

Entre uma e outra,
o passo tenta traçar
linhas impossíveis,
labirintos de vento e luz.

Plantio

tudo é lícito
quando se tem o fim
por início.

Cantiga

não encontrei o amor
no tempo certo;
ficou o mar
como um sonho
no deserto.

Ideal

tão breve como este momento
é este toque não construído
que, iludido, desenho
em teus lábios.

Pé Ante Pé

não me temas, amor,
quando teimas queixas;
razão do universo,
abismo de estrelas —
são luzes cintilantes,
olhar verdadeiro
cheio de horizonte.

e aqueces a lareira
dos momentos
na quietude das horas,
com tanto silêncio.

Pintura

sonho com mares que nunca naveguei,
fugo por vias que nunca enxerguei;
perco-me em afagos
e desfaço o que amo,

juncado ao cérbero ébrio
que vocifera aos cavaleiros andantes,
que nada levam a não ser
a carcaça marmórea
e a espada que tange,
esgarçando a carne
no meu sorriso burlesco
de arrependimento.

bestialidade instintiva
em terreno sagrado.

Constelação Íntima

olho o céu noturno
e uno estrelas com o dedo:
linhas frágeis, invisíveis,
que só existem para mim.

um traço vira rosto,
outro, palavra não dita;
há também um silêncio
que brilha como estrela caída.

minha constelação não é mapa,
não guia nem prevê —
é apenas memória
bordada na pele do céu.

Recorte

erro o alvo no ímpeto da ira,
desde o início, por inteiro:
ab intestato, in limine,
nihil obstat ab potentia coeundi caeli.

do início a ser criado,
contra todos,
executando-se legitimidade:
in verbis, ipsis verbis,
legitimatío ad libertatem.

Réquiem

esqueceste a janela,
fogão, geladeira e a prestação
de contas ao amor.

retornaste à fotografia,
oratório, à história —
e agora, quê de nós nesta hora?

estava em tua mão
o azul celeste, asas farfalhantes,
o pássaro.

e decidiste.
agora tua pousada
é esse canto no infinito
vazio deste pranto.

Alegoria

não invento caminhos:
sigo com os ventos
com os quais me teço.

nada semeado por todas as vias
descortina no céu o firmamento;
e tantos são os terços
e as pedras frias que têm meu tempo
que não sei dos acertos que errei
no encantamento.

Fausto

luz e sons —
permaneço quieto,
sem sentidos.

sonhei, então fui rei
num reino infindo;
acordei, ainda quieto:
meu coração é caixa
de concreto.

POSFÁCIO

Chega-se ao fim do vinhedo, mas não ao fim do vinho.
O que *Os Vinhedos de Belaste* deixa não é um ensinamento,
mas um sabor —
aquele que permanece na boca da memória
mesmo depois de esvaziada a taça.

Se o prefácio convidou a entrar entre as parreiras
e a apresentação nos entregou a chave das seis vindimas,
cabe agora, ao final, reconhecer:
Belaste não é um lugar que se visita,
mas um estado que se habita.

Aqui, a poesia não descreve;
fermenta.
E como todo processo de fermentação,
exige tempo, escuridão e um quieto abandono ao acaso.
Cada poema é um barril à parte —
alguns revelam seu *bouquet* de imediato,
outros só anos depois,
quando a vida se encarregar de lhes dar contexto.

Aparentemente estático,
o vinhedo é, na verdade,
um organismo em contínua transformação.
O que parece repetição é, na verdade,
persistência —
o mesmo modo como a dor insiste,
o silêncio ressoa,
e a uva, ano após ano,
volta a carregar-se de sol e acidez.

Ler este livro é assinar um pacto de paciência.
Não com o autor,
mas consigo mesmo.
É aceitar que algumas palavras só amadurecem
no escuro da própria experiência,
e que a melhor colheita
é aquela que se faz com os olhos fechados,
à procura de um rumo que só o paladar conhece.

Que este não seja um fim,
mas uma garrafa aberta:
não para ser decifrada, mas para ser provada —
e reprovada, a cada nova leitura,
sob nova luz,
noutra estação,
com diferente sede.

Que Belaste permaneça
como um vinho que não se bebe uma vez só,
mas que se relembra
— e se refaz —

sempre que a noite aperta
e é preciso encontrar,
no fundo da palavra,
um pouco de aspereza,
um travo de verdade.

Um brinde ao que ainda está por vir.
À próxima colheita.
À próxima página.

NOTA DO VITICULTOR

Introdução ao Minidicionário de Belaste

Alguns poemas trazem termos em latim e alusões filosóficas ou míticas, como em “*Oratório*”, “*Afirmção*”, “*Recorte*” e “*Anima Mundi*”. Mantêm-se as formas originais por fidelidade de sentido e de música.

Para auxiliar a leitura, apresenta-se a seguir um Minidicionário de *Belaste*. Ele não pretende fechar sentidos, mas oferecer caminhos. *Belaste* abre-se melhor quando não se força a colheita: há safras que só se entendem depois — ou nunca — e tudo bem.

Minidicionário de Belaste

ab intestato — “Sem testamento”. Referente a uma herança não planejada ou decidida.

ab animus possidendi — “A partir do ânimo de possuir”. Fórmula usada em Afirmção, ligada ao desejo ilimitado de possuir que leva à ruína.

a contrario sensu — “Por sentido contrário”. Indica uma contraposição lógica ou argumentativa (Afirmção).

Anima Mundi — “Alma do mundo”. Conceito filosófico que representa o princípio vital e unificador do cosmos.

Baco Velado — Referência a Dionísio (Baco), deus do vinho e do êxtase, aqui representado de forma indireta, simbólica.

Belaste — Topônimo imaginário que simboliza um território poético e emocional, onde se dá a “colheita” da palavra.

ex abrupto — “De repente”, “de chofre”. Refere-se a um corte brusco ou ação inesperada (Afirmção).

in limine — “No limiar”, “no início”. Usado para algo que ocorre no começo de um processo.

in nomine hominis / in nomine Dei / scriptum — Fórmula invocatória usada em Afirmção, evocando a autoridade humana, a divina e a inscrição escrita.

in verbis — “Nas palavras”.

ipsis verbis — “Com estas mesmas palavras”. Em Recorte, surge como tensão entre letra e ira.

legitimatío ad libertatem — Expressão poético-jurídica que pode ser traduzida como “legitimação para a liberdade”.

nihil obstat — “Nada obsta”, “nada impede”. Indica ausência de objeções formais.

nihil obstat ab potentia coeundi caeli — Fórmula expandida de *nihil obstat*, usada em Recorte: “nada impede da potência de unir os céus”.

vinum est vinum — “O vinho é vinho”. Fórmula de afirmação do real, usada como eixo de verdade em Oratório.

vinum est sapientia: lumem in terra, oculos ad sidera — “O vinho é sabedoria: luz sobre a terra, olhos para as estrelas”. Ampliação simbólica da fórmula “*vinum est vinum*”, em Oratório.

vindima — Colheita de uvas; no livro, refere-se a cada uma das seis seções temáticas que compõem a obra.

vinhedo / Parreira — Metáfora para o livro e a escrita poética; lugar de cultivo, espera e transformação.

Figuras e Imagens Recorrentes

- Uva/Vinho: transformação, palavra, memória, ferida.
- Silêncio: espaço de fermentação, ausência, resistência.
- Luar/Sombra: ambiguidade, máscara, desvelamento.
- Pedra/Labirinto: solidez e perda, busca sem fim.
- Sangue/Tinta: vida e escrita, corpo e palavra.

Nota biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*TM, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado*, *Clown*, *Cartas para Ninguém*, *Cinza de Bronze*, *Silêncio Alto* e *Antes que Derrubem*. Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em *EB Garamond*, projeto tipográfico de *Georg Duffner (2008)*, inspirado na Garamond renascentista talhada por Claude Garamont (c. 1480–1561), em Paris.

Assim como o vinho guarda em si o tempo e o solo de onde nasceu, esta fonte conserva a memória do século XVI, decantada em linhas que hoje encontram nova fermentação no suporte digital.

A edição digital foi finalizada em outubro de 2025, pela *Ars Verbi™*, em Lapa, Paraná.

Como no vinho, nada aqui é definitivo: cada leitura reabre a garrafa, cada página oferece outro gole.

